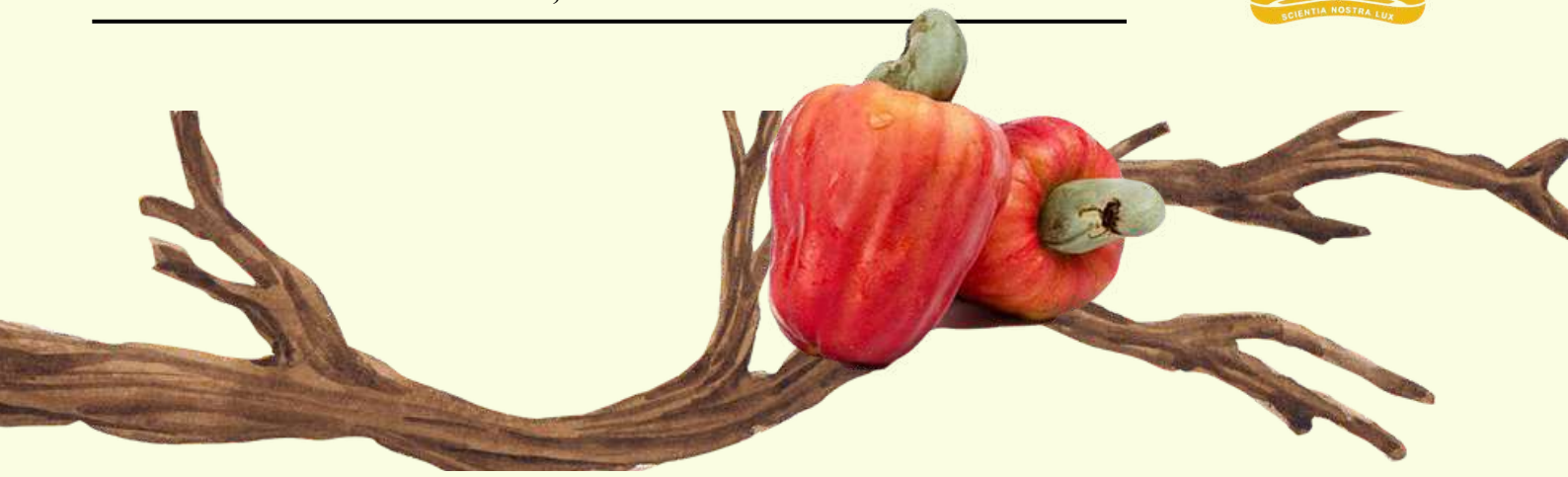
VOL. 02 01 29 DE OUTUBRO DE 2025

JORNAL O CAJU

JORNAL LITERÁRIO, CIENTÍFICO E CULTURAL



Seguimos firmes com o Caju: A alma viva de Bela Cruz.

Caro leitor do Caju,

Chegamos à segunda edição deste folhetim bimestral. Naquele 29 de agosto, lançávamos, com ousadia, este jornal que, assim como a saborosa fruta de nossa terra, almeja ser um retrato fiel da nossa cultura.

Diante da demolida casa de nosso saudoso Mário Lousada, recordávamos a tradição literária erguida outrora pelo Jornal Alvorada, de nosso Nicodemos — nosso poeta, nosso Dante belacruzense. No adro de nossa Matriz, organizamo-nos para este singelo evento, em concomitância ao Chitão de Marco, desejando que nossa cidade pudesse recordar sua essência cultural, literária e científica, tão antiga e sempre viva.

Foi corrido, sim, mas como já escreveu Fernando Pessoa: "Tudo vale a pena se a alma não é pequena." Nosso esforço não foi em vão. Ele nos lembrou que almejamos grandes coisas e que, naquela noite, desejávamos provocar mudanças. Diante da casa de Lousada, da qual só restou a parede principal, proclamamos que não podíamos deixar nossa cultura morrer. E cá estamos, com esta segunda edição.

Humilde ainda? Sim. Mas perseverante. Queremos que este jornal perdure, cumprindo sua missão de preservar o passado e valorizar o presente, oferecendo às futuras gerações um testemunho do que construímos e do que podemos construir.

Nesta edição, a versão impressa é mais larga, e a digital ainda contará com mais páginas, permitindo que continuemos a cumprir nossos objetivos institucionais e o propósito que motivou a criação do Jornal.

Tal é o seu intento, como tu verás em seu Manifesto, publicado na derradeira página deste expediente.

Que ele seja um retrato desta época — tão carente de preservar nossas raízes e, ao mesmo tempo, de cultivar o que de melhor esta geração possui.

Convidamos você, estimado leitor, a colaborar conosco enviando seus textos para nosso e-mail institucional: *jornalocaju@gmail.com*. Teremos imenso prazer em lê-los e publicá-los em futuras edições.

Com gratidão e um grande abraço,

Cajueiro-mor

Curiosidades sobre a Festa do Caju

- A cidade de Bela Cruz celebra a 52ª edição da Festa do Caju, um dos eventos marcantes da nossa história e identidade cultural.
- Os primeiros patrocinadores da festa foram os proprietários da antiga fábrica de caju IACOL, instalada no município.
- As candidatas à Rainha do Caju eram escolhidas entre as jovens da cidade e, após eleitas, cumpriam uma agenda oficial de eventos ao longo de todo o ano.
- Antes do grande desfile, as candidatas passavam por ensaios de postura e passarela, demonstrando elegância e simpatia.
- Um detalhe curioso: as candidatas não podiam desfilar com roupas de banho, uma regra que valorizava a tradição e o respeito ao público local.
- E você sabia que a decoração da Festa do Caju era feita com galhos de cajueiro e frutos naturais, realçando a beleza e o simbolismo do caju em cada detalhe do evento?

Conto

A neta do Isaú

Maria era miúda. Nascida na cidade grande, mas o coração morava no interior. Todo ano esperava ansiosa pelas férias.

A família pegava a estrada de terra até a casa branca, de alpendre, do avô Isaú.

Ali, o tempo corria diferente.

No alpendre que se debulhava feijão.

No curral que se tirava o leite fresco da vaca.

No quintal, as crianças corriam sem medo da poeira, arranhavam-se nas cercas, fugiam das vacas mais bravas e inventavam brigas devido aos animais que tentavam proteger. O riso se misturava ao dos gritos dos pais:

— Menina, sossega!

Mas Maria não sossegava, porque ali havia o cajueiro.

O cajueiro não era apenas árvore. Era sombra. Era um abrigo. Era um castelo. Era onde Maria comia o caju e manchava sua roupa de nódoa, fazia segredo com os primos e sonhava com histórias que ninguém lhe contava. Também, era ali, perto do cajueiro, que Maria descobria sua maior verdade.

Perto do cajueiro, Maria era livre.

No interior, Maria era livre.

Na infância, Maria era livre.

Os anos passaram-se, como sempre passam: ligeiros. O avô Isaú partiu. A casa foi vendida. E o cajueiro... o cajueiro... derrubado. Maria cresceu. Já não corre pelos terreiros, mas carrega no peito as marcas da infância.

Hoje, é conhecida como “a neta de Isaú”.

Nesse título, mora um orgulho silencioso, porque ser neta é também ser herdeira de histórias, de cheiros, de risos e de raízes. Ser chamada de neta é o lembrete de que um dia foi miúda, pequena, sem tantas responsabilidades.

Ser criança foi aprender com o avô a simplicidade da vida, bem como descobrir no interior a liberdade que nenhuma cidade grande é capaz de dar.

Ser criança foi morder o caju, correr dos bois, ouvir os gritos da mãe, mandando sossegar e transformar um cajueiro em castelo.

Porque ser criança é isso: é viver de inteireza, de alegria sem medida, de pertencimento, de sonhos e de histórias.

E Maria, mesmo adulta, sabe que dentro dela sempre existirá a menina que foi livre no cajueiro, livre na infância, livre no amor de ser neta.

“***Este conto é uma homenagem às crianças de ontem e de hoje porque toda infância, quando lembrada, transforma-se em raiz. E toda criança, quando amada, floresce para a vida, como um cajueiro, que se abre em sombra, fruto e, por vezes, em castelo”***

Amassadora de Polpa

De onde vem o nome dessa rua?

Quadro da Rua - antes

De acordo com nossos escritores, Nicodemos e Vicente, a tradição oral afirma-nos que a origem do município de Bela Cruz deu-se por volta de 1730 com uma velha mulata chamada Genoveva.

Seu prestígio de rezadeira atraiu várias famílias e a vila foi formando-se nas proximidades do alto onde Genoveva morava e, lá, construíram uma capela. Das famílias que foram chegando, Nicodemos lista as dez mais numerosas: i) ARAÚJO, ii) CARVALHO, iii) DUTRA, iv) FONTELES, v) FLORÊNCIO, vi) LEITÃO, vii) MORAIS, viii) ROCHA, ix) SILVEIRA e x) VASCONCELOS.

Com o passar do tempo, uma capela foi construída no local onde hoje temos a Igreja Matriz e várias casas foram construídas em seu entorno, formando um quadrado que ficou popularmente conhecido como “Quadro da Rua” e que até hoje é carinhosamente assim chamada.

Entretanto, por Lei n.º 59, de 9 de abril de 1962, o prefeito José Anselmo de Araújo outorgou-lhe o nome de Praça “Mário Domingues Lousada”.

Por fim, ressalta-se que a casa deste ilustre belacruzense, Sr. Lousada, encontra-se em ruínas, carecendo que os entes públicos zelem pela integridade de nosso patrimônio histórico.

Quadro da Rua - hoje

Rua Capitão Miguel Lopes

Miguel Lopes de Araújo Costa nasceu na fazenda "Lagoa do Mato", a 7 de janeiro de 1866.

Após o falecimento de seu pai, Miguel Lopes passou a residir em Santa Cruz (atual Bela Cruz) visando movimentar o comércio local e aumentar o número de prédios na então povoação.

O Capitão Miguel Lopes foi um dedicado batalhador pelo progresso de Santa Cruz.

Sua voz foi a primeira que se fez ouvir pleiteando o hoje município de Bela Cruz. Faleceu em 1916.

A Prefeitura de Acaraú deu seu nome a uma das ruas da hoje cidade de Bela Cruz em reconhecimento pelos serviços prestados ao seu regaço.

Rua Humaitá

À luz de João Bernardino Pontes (*in memoriam*), a rua recebeu esse nome por que naquele local havia muitos conflitos.

E, como era conhecida do povo a Batalha de Humaitá, acabaram por assim nomeá-la.

Rua Humaitá - antes

Rua Humaitá - Hoje

Até breve, com novos nomes e novas curiosidades!

Guardiã da Semente

Alvorada Clube e a Festa do Caju: História, Cultura e Identidade de Bela Cruz

A fundação da Associação Alvorada Clube, em 31 de agosto de 1965, marcou um momento decisivo na história cultural e social da cidade de Bela Cruz, no interior do Ceará. A ata dessa reunião inaugural, hoje um documento histórico de valor inestimável, revela o espírito comunitário e progressista que motivou a criação da associação. O encontro, realizado na Rua Nicolau Peixoto, no prédio das Escolas Reunidas, reuniu cidadãos visionários, como José Maria da Silveira Lousada, João Damasceno Vasconcelos, Manoel Quariguasi Araújo e João Batista Rocha, entre outros.

O objetivo era claro: dotar Bela Cruz de um clube que estivesse “à altura do progresso de nossa terra”, como expressa a própria ata. O Alvorada Clube nascia, assim, não apenas como um espaço de lazer, mas como um projeto coletivo de modernização social e cultural. Nos meses que se seguiram, o entusiasmo da comunidade se converteu em ação prática.

O escritório para arrecadação de recursos — localizado na Rua Humaitá, vizinho ao “Mestre do Bar”, na antiga sede da prefeitura — tornou-se um ponto de encontro e articulação. Ali, moradores contribuíam com doações em dinheiro e materiais de construção.

Entre os nomes que frequentavam esse espaço estavam figuras de destaque da vida local, como Agripino Bias Silveira, que mais tarde assumiria a presidência do Clube. O registro dessas iniciativas evidencia a força da mobilização comunitária em torno de um ideal comum: erguer um espaço que simbolizasse a união e o desenvolvimento da cidade.

Os arquivos preservados do Alvorada Clube — incluindo seu Estatuto e as Atas originais das reuniões — são documentos essenciais para a compreensão da verdadeira cronologia de sua fundação. Esses registros mostram que a ideia inicial partiu de José Maria Lousada e foi consolidada com a participação ativa de Manoel Quariguasi Araújo

(conhecido como Manoel Diogo) e do poeta João Damasceno Vasconcelos, responsável pela redação das atas. As reuniões ocorriam no prédio das Escolas Reunidas, na Rua Nicolau Peixoto, e foram fundamentais para definir a estrutura organizacional e os objetivos da instituição. É nesses documentos que repousa a história legítima do Clube — muitas vezes divergente das narrativas orais difundidas ao longo dos anos.

Em 26 de outubro de 1967, apenas dois anos após a fundação organizadora do Alvorada Clube, foi realizada a primeira edição da Festa do Caju de Bela Cruz. A iniciativa partiu da própria diretoria do Clube, que organizou uma exposição de produtos derivados do caju — fruta símbolo da região — e promoveu a eleição da Rainha da Festa, título concedido naquela ocasião à Srta. Geralda Maria de Vasconcelos.

Desde então, a Festa do Caju se firmou como um dos eventos mais importantes do calendário municipal, realizada tradicionalmente no último sábado do mês de outubro. Antes mesmo de o Clube estar totalmente concluído, as primeiras festas aconteceram no Externato Santa Luísa de Marillac, hoje Centro Pastoral Mons. Odécio. Com a conclusão das instalações, passaram a ser sediadas no próprio Alvorada, tornando-se símbolo do seu protagonismo cultural.

A escolha do caju como tema da festa não foi aleatória. O caju, abundante na região, sempre teve importância econômica para Bela Cruz, seja na produção de castanha, na fabricação de doces e licores ou na comercialização da polpa. A festa, além de celebrar a colheita, projetava a imagem da cidade e fortalecia a identidade local, valorizando saberes e práticas tradicionais. A cada edição, o evento mobilizava agricultores, comerciantes, jovens e famílias inteiras, tornando-se um espaço privilegiado de encontro e de preservação da memória coletiva.

O Alvorada Clube não foi apenas palco da Festa do Caju. Ao longo dos anos, abrigou bailes, encontros políticos, formaturas e eventos comunitários que marcaram gerações. Era um espaço de sociabilidade fundamental, onde se cruzam as histórias pessoais e coletivas dos belacruzenses. As festas de gala, as orquestras convidadas e os concursos de beleza se tornaram parte do imaginário local, fazendo do Clube um verdadeiro símbolo de *status* e pertencimento comunitário.

Em tempos recentes, versões imprecisas sobre a fundação do Alvorada Clube circularam, muitas vezes baseadas apenas em depoimentos orais ou memórias fragmentadas. No entanto, a posse e a conservação dos arquivos originais — Atas, Estatuto, registros das primeiras diretorias — permitem restituir a verdade histórica e reconhecer os nomes e os fatos que efetivamente deram origem à instituição. Esse trabalho de preservação da memória é essencial para evitar distorções involuntárias e para garantir que futuras gerações tenham acesso a uma história bem documentada.

Os nomes de José Maria Lousada, Manoel Quariguasi Araújo, João Damasceno Vasconcelos, João Batista Rocha (Batista Pereira) e demais integrantes da primeira diretoria precisam ser lembrados não apenas como fundadores de um clube, mas como construtores de uma tradição que ultrapassou as paredes físicas da instituição.

Eles souberam unir lazer, cultura e desenvolvimento comunitário — e com isso lançaram as bases de uma das festas mais emblemáticas do município.

Mais de meio século depois, a Festa do Caju continua a movimentar Bela Cruz, atraindo turistas e reforçando o sentimento de pertencimento entre os moradores. O evento cresceu, modernizou-se, incorporou shows musicais, concursos e programação diversa — mas preserva sua essência: celebrar o fruto que é símbolo da região e manter viva a chama do Alvorada Clube como berço dessa tradição. A história do Alvorada Clube e da Festa do Caju é um exemplo claro de como instituições comunitárias podem moldar identidades locais e fortalecer laços sociais. Documentar e valorizar essa trajetória significa reconhecer o esforço coletivo de uma geração que sonhou, construiu e legou à cidade um patrimônio cultural imaterial de grande importância. Mais que um prédio, o Alvorada é um marco simbólico. Precisa ser preservado. Mais que uma festividade, a Festa do Caju é memória viva de Bela Cruz — e deve ser contada com rigor histórico e orgulho cultural.

Vicente Freitas

Memórias que contam nossa história

Nesta edição, o Editorial do Caju traz uma entrevista especial com Valnice, uma das primeiras Rainhas do Caju, que compartilhou conosco lembranças preciosas sobre as origens dessa tradicional festa belacruzense. As respostas apresentadas a seguir refletem fielmente o olhar e as recordações da entrevistada, que viveu de perto os primeiros momentos dessa celebração símbolo de nossa cultura.

ENTREVISTA COM A RAINHA DO CAJU DE 1970

I) Boa noite, Valnice! Somos do Editorial do Caju! Gostaríamos de conversar com você sobre as primeiras Festas do Caju e sua participação como Rainha do Caju. Conte-nos brevemente como surgiu a Festa do Caju.

R. A Festa do Caju foi idealizada pelo meu tio, João Pontes, e a primeira festa aconteceu em 26 de outubro de 1967, lá no Externato. Era a safra do caju e ele queria criar um evento comemorativo e social para a cidade. Então, convidou algumas moças belacruzenses para candidatarem-se à Rainha do caju. Minha tia, Socorro Vasconcelos, trabalhava na Cáritas e organizou o desfile. A primeira rainha foi a Geralda Maria Vasconcelos.

II) Valnice, explique-nos como era a Festa do Caju antes. Qual a influência da Fábrica IACOL na Festa?

R. A Festa do Caju acontecia no Externato e era muito animada. Tinha o desfile das candidatas à Rainha do caju e era uma festa social para as famílias belacruzenses.

Sobre a influência dos Jovinos e Quirinhos, os sócios proprietários da IACOL patrocinavam as festas com castanhas assadas, as quais eram doadas como petiscos.

III) Valnice, nós temos uma curiosidade. Como eram as decorações das primeiras festas? R. Na realidade, naquela época não tinha decoração como temos hoje. Tio João Pontes, juntamente com seus amigos, decorava com galhos de cajueiros cheios de caju. Ficava simples, mas bem bonito.

IV) Valnice, conte aos leitores do Caju: como surgiu a associação Alvorada Clube e por que as festas não aconteceram mais na sede da associação?

R. As primeiras festas aconteceram no Externato, que hoje é o Centro de Pastoral Monsenhor Odécio. Contudo, o espaço ficou pequeno e os idealizadores da festa resolveram criar uma associação para gerenciar as futuras. A associação Alvorada Clube foi criada por João Pontes, Manoel Messias, Manoel Pires e José Maria Lousada (alcunhado "Zé Maria"), seu primeiro presidente.

No entanto, havia os sócios fundadores e os sócios beneficentes, que eram um grupo de belacruzenses contribuintes para a construção do clube, local no qual aconteceriam as festas do caju. Assim, surgiu o Alvorada Club e o evento passou a acontecer lá.

As festas de 1970 a 1975 foram realizadas lá.

Entretanto, com o sucesso anual do evento, o espaço também ficou pequeno e, em 1983, a Festa do Caju passou a ser realizada no Centro Comunitário Expedito Deroci Vasconcelos, em Bela Cruz.

V) Valnice, você, enquanto Rainha do caju à época, tinha alguns compromissos sociais por conta do título?

R. Sim, em vários eventos, inclusive em torneios esportivos. Era uma honra para nós e para comunidade o título de Rainha do Caju.

E você? Também tem uma lembrança especial ou uma história da Festa do Caju para contar? Compartilhe conosco nas redes sociais e marque o @jornalocaju — queremos ouvir e celebrar suas memórias!

Escreve o Rebento, nesta edição, o conto "Mãe" Degustemos....

Maria de Lourdes era daquelas mulheres da Igreja. Nasceu e cresceu em uma família que não era rica, mas que lhe dava uma boa condição de vida. Sempre teve como vocação a fé. Inclusive, pensou em ser freira. Porém, não quis ficar longe dos pais. Mas, no alto de seus 40 anos, perdeu o seu progenitor. A partir disso, ficou ainda mais recolhida, tendo sua mãe como grande companheira. Maria de Lourdes nunca se importou com sua aparência, bem como nunca usou vestidos caros e coloridos. Achava uma afronta a Deus e à sua religiosidade. Sempre quis colocar-se como humilde acima de tudo. Sua falta de apreço à vaidade a alçava à alcunha de irmã da sua mãe para os desavisados, causada pelo fato das duas serem bastante parecidas e Maria de Lourdes possuir mais rugas do que a idade pede.

Também, nunca viu graça nos namoricos da juventude, algo que se repete na idade adulta. Não queria ser sozinha no mundo, vendo que sua mãe partiria antes dela pela ordem natural da vida; entretanto, a ideia de dividir a cama com um homem assustava-lhe e enchia-lhe de calafrios. Ela tinha como tristeza não possuir filhos. Sempre sonhou em fazer uma filha à sua imagem e semelhança. Mergulhou-se na Igreja: viu nos louvores a Deus a sua razão de viver. Fazia questão de participar de todos os encontros, celebrações e novenas possíveis, sendo sempre elogiada pela tamanha fé que possuía.

Era uma grande leitora da Bíblia, sempre lendo suas antigas palavras antes de dormir, pois assim sabia que dormiria em paz. *"Disse-lhe, então, o anjo: Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus, e eis que em teu ventre conceberás, e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus".* Maria de Lourdes encantava-se de uma forma diferente ao ler essa passagem, vendo em Maria uma inspiração, e, na verdade, queria ser ela, pois se achava, também, sem pecado, trazendo apenas o pecado original.

— Poderia ser eu...

Ia dormir, então, pensando na sua vida de santidade e como ela seria uma perfeita mãe para um novo salvador que estava por vir. Naquela noite, ela teve um fantástico sonho: o anjo Gabriel apareceu em sua frente, como que por mágica, anunciando aquilo que ela sempre esperou ouvir: "Você será a mãe do Salvador." Maria de Lourdes acordou maravilhada com o sonho que tivera e via aquilo como um presente de Deus para aquela fiel religiosa. Conversou com sua mãe sobre o acontecido, a qual ficou bastante animada com a vivência da filha; contudo, preservava o tom de tranquilidade.

— Não deixe que isso mexa com sua cabeça.

De certa forma, Maria de Lourdes esqueceu aquele acontecimento por um tempo e continuou vivendo sua vida normalmente. Entretanto, um dia acordou pela manhã com bastantes enjoos e náuseas, coisa que nunca havia sentido antes, e aquilo ocorreu por toda aquela semana, principalmente no período matutino. A memória daquele sonho tão real ainda reverberava em sua consciência. Mas não conseguia acreditar na sua ideia. Após algumas visitas ao médico, sabia que não havia nenhum problema de saúde causando esses enjoos. Já tinha a certeza.oi uma gravidez dada por Deus. A primeira pessoa a receber a notícia foi sua mãe, sua fiel companheira.

A verdade nos olhos da filha fez com que a senhora acreditasse cegamente no que Maria de Lourdes contou e encheu-se de uma extasiante alegria e vaidade por ser a avó do salvador. Logo após, Maria de Lourdes decidiu conversar com o padre Pedro sobre o ocorrido para saber sua opinião. Em um momento confessional, Maria de Lourdes contou ao padre todo ocorrido em sua vida recente, recebendo uma postura cética do sacerdote, que temia pela sanidade daquela pobre mulher. Maria de Lourdes não aceitou a postura do pároco e continuou tendo a certeza que havia um ser iluminado crescendo dentro do seu corpo. Então, sua mãe fez questão de avisar a novidade para todos da sua rua, os quais contaram para os seus conhecidos, tornando-se o assunto comentado em toda a cidade.

As visitas na casa de Maria de Lourdes começaram a tornar-se frequentes. Iniciaram, também, ciclos de oração em sua casa, como também os pedidos. Já eram pedidos milagres a um ser que ainda nasceria. O movimento em torno daquela gestante especial era cada vez mais intenso: religiosos, curiosos, ateus, jornalistas. Todos queriam ver aquela mulher que era a atração do momento. Era inacreditável a quantidade de seguidoras de Maria de Lourdes, que todo dia estavam do seu lado e que planejavam até abrir a "1ª Igreja de Santa Maria de Lourdes, Mãe do Menino Deus".

A orgulhosa futura mãe pensava em qual nome daria para o salvador. Pensou em Miguel, nome de seu falecido pai; mas foi mais forte a necessidade de nomeá-lo Jesus, o único nome possível. Foram passando-se os meses e o dia do nascimento estava próximo, os 9 meses estavam findando-se. Até as pessoas mais céticas estavam ansiosas pelo grande dia, porém ele chegou, passou e todos ficaram atônitos. Nada da criança nascer. Maria de Lourdes não sabia o que fazer. Com o passar dos dias, foi procurando médicos para entender o que estava acontecendo, e o resultado foi um pouco óbvio: Maria de Lourdes estava com gravidez psicológica. Muitos, apesar de esperarem por isso em seus íntimos, não ficaram surpresos. A pobre religiosa virou motivo de piada para muitos, sendo até mesmo chamada de louca.

Maria de Lourdes entrou em uma grande depressão. Será que Deus desistiu de fazê-la mãe do seu filho? Será que isso realmente nunca foi verdadeiro? A vida dela tinha encontrado sentido e agora tudo havia ido com o vento. Em uma noite fria de novembro, a devota, sempre disposta a Deus, Maria de Lourdes, tirou a própria vida, esperando ressuscitar ao terceiro dia.

Descastanhador fala-nos, neste tempo festivo, com estas linhas...

Hoje iremos iniciar nossos trabalhos como descastanhadores de ideias. E é com muita satisfação que teremos como nossa primeira castanha o título de nossa tradicional Festa do Caju. Mas, afinal, o que é uma festa? E porque ser uma festa do caju? Em certa medida, é sobre isso que iremos refletir sob a sombra deste cajueiro.

Inicialmente, gostaria de recolher esta semente ainda presa ao fruto de nossas experiências.

Em nosso cotidiano, quando nos referimos a uma festa, falamos de um show, de um aniversário, de um evento religioso, ou simplesmente de uma reunião de pessoas que se alegram juntas. Ora, desta breve lista, pois não busquei ser exaustivo em destacar todos os usos do termo "festa", três pontos parecem se sobressair como essenciais.

Primeiro, toda festa parece supor um grupo de pessoas. Acredito que todos nós concordamos que, assim como uma única nuvem não faz inverno, em um local com uma única pessoa não se reconhece uma festa. Deste modo, vemos que toda festa possui um caráter coletivo. Todavia, o que reúne esta coletividade? Bem, para responder a esta questão, passaremos ao nosso segundo ponto.

Penso que pelo andar dos catadores, oh estimado cajúfilo, já sabes sob quais folhagens nos assentaremos a seguir. Sim, nosso segundo ponto é a alegria. Nosso grupo de festejadores só se reúne para festejar a alegria. Desconfio que veríamos com muita estranheza uma festa que se propõe a recordar a tristeza, apesar de que eventos tristes marquem datas festivas. Neste sentido, o comemorar, mesmo que traga a memória algo que à primeira vista seja triste, como a morte do Grã de Trigo, a festa que se faz é pela alegria da nova Vida que ela traz. Contudo, deves ter percebido que um completo falta a nossa definição. No fim das contas, só nos alegramos por algo, mesmo que não nos demos conta do que é este algo. Sendo assim, nosso próximo passo será pensar no motivo de nossa alegria.

Neste terceiro ponto, gostaria de olhar um pouco para a motivação da alegria. Duvido que penseis que quem se alegra, alegra-se por nada, visto que a alegria parece ser um sentimento que se manifesta em virtude de um fato. Mas que natureza de fatos nos alegra? Aqui, poderíamos, como no princípio de nossa conversa, buscar vários fatos que individualmente nos alegram, para podermos procurar algo em comum. Vemos que alguns parecem se alegrar com possuir coisas, outros com estar com pessoas, outros com suas experiências e outros, ainda, com a visão daquilo que está além. Mas, gostaria de colocar estas afirmações em outros termos, para que talvez fique mais claro o passo que daremos adiante. Vemos nossa alegria em assegurar a vida, em partilhar a vida, em viver a vida e em buscar por uma nova vida.

No fim, nossa alegria está em afirmar a vida, em sua forma mais abundante possível. Mas onde, então, entra nosso caju no assunto? Bem, este deve ser nosso ponto de chegada.Neste último momento de nosso texto, para guardar nossa castanha na lata, devo lembrar-lhe que podemos ver a manifestação da vida de diversas maneiras. Dentre elas, no sustento que os frutos da terra e do trabalho humano nos proporcionam. Por essa razão, vemos o protagonismo de tantos elementos da natureza em festas e festivais. É pela recordação daquilo que temos como o manar de nossa terra que devemos festejar. Não obstante, não se deve em nenhum momento esquecer que aliado ao fruto está o trabalho. Logo, a festa que comemora o caju deve fazer brilhar as mãos que plantaram, cuidaram, colheram e, por vezes, transformaram o fruto, para que este se torne nosso sustento material.

Portanto, mais do que um simples entretenimento, em que a centralidade estaria nas bandas contratadas, esta manifestação cultural deveria dar enfoque naquele que lhe confere seu nome. Ou seja, a Festa do Caju deve ser vista como um momento de alegrar-se por esta comunidade que cresceu em torno da cultura do caju, ressaltando tanto as pessoas quanto os conhecimentos que elas mantêm vivos.

A poesia de João Damasceno, nosso patrono, permanece atual. Vejamos este soneto extraído da obra *Panoramas da Vida Humana:*

XV

Olhai, Senhor, propício, este planeta,
As guerras que lhe sangram, esta ameaça
Que gravemente paira sobre a raça
Humana, num dilema de cor preta.

Não carece, de fato, ser vedeta,
Que através da cortina de fumaça
De um dilúvio de fogo, por desgraça,
Se preveja, iminente, a silhueta.

O manancial de forças conquistado
A própria Natureza é ao homem dado,
Para o seu próprio bem, ou para a ruína.

Que frágeis, vê Senhor, que os homens são,
Pois mal podem contê-lo à própria mão,
Na sede de revanche que os domina.

Maria Euralice Lopes – A Voz Sensível da Alma Belacruzense

No dia 29 de outubro, o calendário cultural de Bela Cruz ilumina-se com o aniversário de Maria Euralice Lopes, professora, escritora e acadêmica da ABCCEL. Mulher de fé profunda, de alma serena e palavra precisa, Euralice representa o elo entre a tradição e o futuro da cultura belacruzense.

Nascida em 1933, na comunidade de Lagoa Seca, Maria Euralice construiu sua trajetória entre o ensino e a literatura, duas faces de uma mesma vocação: a de transformar vidas por meio da sabedoria e da sensibilidade. Formada em Letras pela Universidade Vale do Acaraú (UVA), dedicou-se ao magistério com amor incondicional, deixando marcas indeléveis na formação intelectual e humana de seus alunos.

Sua produção literária reflete uma alma contemplativa e uma escritora que compreende a palavra como extensão do espírito.

Autora de “Mons. Odécio – O Benfeitor”, um retrato sensível da fé e da dedicação pastoral, e de “Cinzas do Passado: Páginas que Contam Vidas”, obra em que a memória se faz poesia e redescoberta, Euralice prepara agora o lançamento de “Ressonância da Alma – O Efeito Silencioso das Palavras” — livro aguardado com expectativa pela comunidade literária e que promete ampliar ainda mais o alcance de sua voz interior.

Em cada texto, Euralice costura o tempo com ternura e prudência. Enfrentou dificuldades de saúde com a mesma coragem com que enfrentou as incertezas da vida, encontrando na escrita um refúgio e uma forma de transcendência. Sua palavra é oração, sua prosa é reflexão, e sua poesia — ainda que discreta — é um bálsamo que toca o coração de quem a lê.

Na ABCCEL, é referência de equilíbrio, sabedoria e generosidade.

Sua presença engrandece a instituição, e sua trajetória simboliza a força de uma geração que fez da cultura uma missão de fé e amor à terra natal.

Felicitações!

O Jornal O Caju e a ABCCEL expressam suas mais sinceras felicitações à estimada Maria Euralice Lopes por mais um aniversário de vida e pela grandeza de sua contribuição intelectual e humana.

Que a nova etapa que se inicia seja repleta de saúde, serenidade e novas inspirações literárias.

Que o brilho de sua escrita continue a iluminar o caminho da cultura belacruzense e a inspirar as gerações que virão!

Parabéns, Maria Euralice Lopes!

Sua vida é poesia, e sua palavra — um presente para todos nós.

Com respeito, admiração e alegria,

Jornal O Caju – 2ª Edição
ABCCEL – Academia Belacruzense de Cultura, Ciências, Estudos e Letras

Mistério à flor das palavras...

Um poema surgiu entre as páginas do Jornal do Caju, assinado apenas pelo silêncio.

Seu autor (ou autora) preferiu o anonimato, mas suas palavras ecoam como quem sente, e ainda espera.

"Poema sem nome": um sussurro de amor, ausência e tempo que não cura. Quem será o coração por trás desses versos?

Um ano, um ano. (Suspiro)
Tempo demais para a saudade
e insuficiente para esquecer.

O dia corre — lento, cruel —
entre cartas não enviadas
e vozes que o vento esqueceu.

Nos gestos do dia,
a ausência ainda respira,
e, mesmo longe,
o coração insiste
em procurar o teu nome no ar

Caro leitor do Caju,
Estamos na última página desta edição impressa, mas o nosso jornal segue florescendo no mundo digital — com mais páginas, cores e histórias — no Instagram do Caju!

Cajueiro-mor

Apoiadores culturais:
FRIGORÍFICO BELA CRUZ
creative @creativeimpressao
GRUPO ADRIMÓVEIS ADRIMOVEIS.COM
CARVALHO NEVES
GNC SPORTS

Outubro
MÊS DOS PROFESSORES

Que pensam nossos estudantes sobre seus professores?

Ensina Nicodemos, nosso Dante belacruzense, na obra *Prédio rústico à cidade*, que a história da educação em Bela Cruz tem em Nicácio Barbosa Cordeiro o seu mais nobre alicerce. Filho de Canindé, chegou à então povoação de Santa Cruz, em junho de 1876, para assumir a cadeira de ensino criada pela Lei n.º 801, de 5 de agosto de 1857, e, desde então, consagrou sua vida à formação intelectual e moral daquela comunidade.

De sólida cultura e exemplar dedicação ao magistério — falava corretamente três idiomas —, o Professor Nicácio exerceu o ensino público e particular por mais de meio século, formando três gerações de belacruzenses. Pela constância no ensinar e pela ternura com que tratava seus alunos, tornou-se um verdadeiro benfeitor da terra que o acolheu e que ele fez sua "pelo coração".

Em 1913, após longos anos de trabalho, aposentou-se de suas funções públicas, sendo sucedido por notáveis educadoras, entre elas sua filha, Júlia Adélia Cordeiro, que herdou o zelo paterno pela instrução. Mesmo afastado do magistério oficial, Nicácio permaneceu ativo, abrindo novos caminhos para o ensino particular e para a cultura local.

Em 1914, ao lado da filha, fundou um Curso de Português e Francês, marco do ensino privado em Bela Cruz. Mais do que um educador, foi um semeador de cultura: organizava serões de arte, apresentações teatrais, recitais de canto e declamação em residências da cidade. Sob sua inspiração, Bela Cruz começava a descobrir o prazer das letras, da arte e do espírito.

Homem sensível e afável, gostava de acompanhar os jovens e, por vezes, tomava parte nas apresentações, entoando canções como "Por entre as trevas da noite" e "Amor e Medo". Seu amor pelo saber e pelo povo fez dele o pioneiro da cultura belacruzense, símbolo de uma época em que educar era também cultivar a alma.

Nascido em 14 de dezembro de 1852, o Professor Nicácio Barbosa Cordeiro faleceu em 29 de março de 1940, deixando a Bela Cruz um legado de sabedoria, humanidade e devoção à educação, cuja memória permanece viva e reverenciada por todos que amam esta terra.

Na época da pandemia, tudo estava parado, menos a vontade dos professores de continuarem a ensinar. Lembro nitidamente das aulas de Educação Física. O professor colocava vídeos do *YouTube* para a gente se mexer em casa. A sala on-line virava um *show* à parte. Às vezes, fazíamos certinho; em outras, a gente embolava-se nos movimentos. Até meu irmão e minha mãe entravam na brincadeira! No fim, não era só exercício: risada, cuidado! Era aquele jeitinho de professor que encontra saída até no impossível.

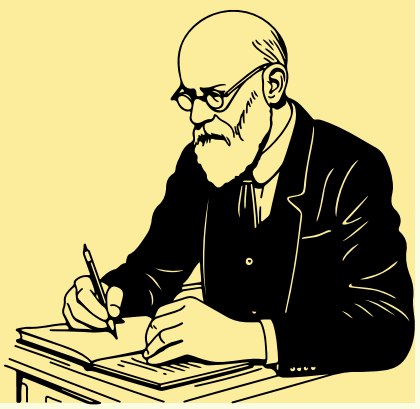
Hoje, no Dia do Professor, a gente lembra que ensinar não é só passar conteúdo! É fazer vidas com dedicação e criatividade.

Milhares de professores na pandemia dedicaram-se para que os alunos pudessem aprender de uma forma mais leve em meio a tantos problemas que o mundo enfrentava.

Esse professor foi amigo, companheiro, um ótimo parceiro, paciente e criativo para aulas fora dos livros, além da sala e da quadra. Todo professor é inspirador!

FELIZ DIA PARA ESSES NOSSOS HERÓIS DE TODAS AS HORAS!

Carlos Eduardo Silva
8º ano - Ceiam Alegria do Saber



A Comissão de Ciências da ABCCEL presenteia-nos com "*Exploração do Trabalho Infantil, um olhar para crianças e adolescentes colhedores de castanhas no município de Bela Cruz - Ceará: consequências na vida escolar e desenvolvimento pessoal*"

Os alunos Renan David Sousa Araújo e Guilhermina Araújo Morais, ambos estudantes do 2º ano do Ensino Médio do Colégio Imaculada Conceição – CIC, desenvolveram o projeto de ciências intitulado acima, sob a orientação da professora Marília Gabriela Carneiro Mourão.
O trabalho apresenta uma análise crítica e reflexiva sobre a cultura do caju em nossa região, abordando seus aspectos sociais, econômicos e culturais. A entrevista foi conduzida por Paulo César Oliveira Vasconcelos, membro da Comissão de Ciências da ABCCEL, que registrou as principais contribuições e percepções dos estudantes acerca do tema.

Bom dia, Renan! Do que trata o projeto de vocês? Resposta: Nosso projeto, denominado de *Iustia Laborate*, aborda as consequências da exploração de trabalho infantil dos infantes que se vendem e/ou são explorados pela prática de quebra, coleta e beneficiamento do caju em nosso município. Discutimos os efeitos no âmbito emocional, social e no comprometimento com a rotina de estudos, que fomenta a perda de noção de infância e um déficit de perspectiva de ascensão social que corrobora para um corpo social estagnado.

O que instigou vocês a tratarem desse tema? Resposta: O principal motivo foi o interesse pelo aspecto cultural da atividade, já que muitos dos nossos antepassados, e até mesmo grande parte da população atual, já trabalharam ou trabalham com esse pseudofruto. Também buscamos refletir sobre a manutenção de um pensamento retrógrado que defende a ideia de que, para "ser alguém na vida" é preciso começar a trabalhar desde cedo, especialmente no caso de meninos que, em muitas vezes, só são considerados meninos de verdade se participarem de trabalhos manuais, como na extração de caju.

O que vocês pensam sobre a questão do trabalho infantil no cultivo e produção do caju e da castanha de caju? Resposta: Reconhecemos que essa atividade tem grande importância para a economia da nossa região, especialmente para o nosso município. No entanto, acreditamos que ela precisa ser realizada com muito cuidado. É essencial que haja orientações prévias, supervisão de adultos responsáveis e, principalmente, que as crianças não sejam submetidas a longas jornadas e não tenham sua vida contrária aos direitos instituídos na Constituição de 1988. Nós, como estudantes, achamos que, mesmo que essa prática gere benefícios, como uma melhor condição financeira, há uma série de prejuízos patológicos. Além disso, haja vista a grande movimentação dos proprietários de terra no período de safra (outubro e novembro), não custa nada garantir uma melhor condição de trabalho aos indivíduos envolvidos.

Que relação vocês percebem entre o problema que pesquisam e os aspectos culturais da cultura do caju em nosso município e região? Resposta: Percebemos que o trabalho infantil, com a única exceção de aprendiz a partir dos 14 anos conforme a lei 8.069/1990 do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), causa impactos negativos na socialização, na aprendizagem e na perpetuação de ideias arcaicas sobre infância e trabalho. Em nosso município e região, isso se evidencia pelas altas taxas de abandono escolar nos 4º e 5º anos do ensino fundamental I, o que impede a realização de sonhos e contribui para a manutenção de um ciclo de ignorância. Assim, diante de uma exacerbada exaltação do caju na identidade cultural de Bela Cruz, há uma grande marginalização das pessoas que fazem o produto ser importante socioeconomicamente, que fomenta um "legado cultural" errôneo e a carência em uma politização de informações sobre o tema, consolidando uma problemática protegida e escondida pela cultura regional.

Que tipo de intervenção o projeto de vocês propõe? Resposta: O projeto propõe ações de conscientização sobre o trabalho infantil na colheita de castanha em Bela Cruz, por meio da distribuição de cartilhas, campanhas no Instagram e rodas de conversa com crianças. Também foram coletados dados que relacionam o trabalho com o rendimento escolar, buscando promover reflexão e mudança social. Assim, acreditamos que se houver uma maior intervenção do governo, juntamente com maior envio de verba, maior solidariedade do corpo civil, um maior processo seletivo das pessoas que compõem os órgãos que apoiam as crianças e adolescentes e uma melhor disseminação do trabalho que os menores de idade fazem, destacando a sua invisibilidade, o cenário poderia inverter-se, ao invés de renovar-se a cada geração.

Parabéns pelo projeto! Estendo meus cumprimentos a sua colega de equipe Guilhermina e sua professora orientadora Marília. Trabalhos assim revelam aspectos fundamentais da cultura e história de nossa região. O enfoque crítico dado à pesquisa aborda um problema relevante e com impactos diretos na sociedade belacruzense. Foi um prazer conversar com vocês. Muito obrigado pela oportunidade! Nossa Comissão agradece.

De acordo com o levantamento, 81,8% dos jovens afirmaram trabalhar para ter dinheiro próprio, enquanto apenas 18,2% disseram fazê-lo para ajudar a família. Essa busca por autonomia, no entanto, vem acompanhada de grandes prejuízos escolares. Mais de 92% dos entrevistados disseram conhecer colegas que abandonaram os estudos por causa do trabalho, evidenciando uma forte relação entre o labor precoce e a evasão escolar. A pesquisa também apontou que 61,5% acreditam que o trabalho infantil prejudica a saúde física e mental e compromete o rendimento escolar. Mesmo assim, 30,8% admitiram já ter dormido ou perdido a concentração nas aulas devido ao cansaço, um reflexo direto das longas horas de esforço durante a colheita. Entre os que já trabalharam com a castanha, 87,5% atuaram na coleta, uma das atividades mais extenuantes e arriscadas, por envolver longas exposições ao sol e esforços físicos intensos. Quase metade dos entrevistados (46,7%) declarou dedicar de duas a quatro horas por dia ao trabalho, o que interfere diretamente na rotina escolar. Outro dado preocupante é o baixo nível de conhecimento sobre os direitos trabalhistas infantis: apenas 19,2% afirmaram conhecê-los bem, enquanto 61,5% disseram saber "mais ou menos". Além disso, 69,2% não consideram o trabalho da castanha perigoso, o que revela a necessidade urgente de campanhas educativas. Mesmo na escola, o tema ainda é pouco abordado — 38,5% receberam informações superficiais e 19,2% nunca foram orientados sobre os riscos dessa prática. O estudo ainda revelou um impacto direto nos sonhos e perspectivas de futuro: 80,8% dos adolescentes acreditam que trabalhar cedo atrapalha o sonho de cursar uma faculdade. Essa percepção mostra que, embora reconheçam as limitações impostas pelo trabalho precoce, muitos ainda não encontram alternativas viáveis diante das condições sociais e econômicas em que vivem.

Os pesquisadores concluem que o trabalho infantil na cadeia da castanha de caju é um problema social, cultural e econômico que atravessa gerações. A naturalização dessa prática mascara a violação de direitos básicos e perpetua o ciclo da pobreza.

A pesquisa reforça a importância da educação, da fiscalização e da conscientização comunitária como caminhos para romper essa realidade. É preciso garantir que as crianças de Bela Cruz troquem o peso da castanha pelo peso dos livros e que o futuro da cidade seja construído nas salas de aula, não nos campos de trabalho.

O caju leva Bela Cruz ao topo... e à reflexão

No litoral norte do Ceará, Bela Cruz celebra um feito que pesa, e muito, no comércio e na identidade de nossa cidade. De acordo com reportagem do Diário do Nordeste (21 de Outubro de 2025), a produção de castanha-de-caju cresceu impressionantes 75% em apenas um ano, alcançando cerca de 13,6 mil toneladas e movimentando aproximadamente R$ 61,5 milhões. Esse salto coloca Bela Cruz no topo da lista nacional — mais do que um título, é um marco para um município que aprendeu a extrair força do solo e da tradição. O Ceará, por sua vez, passou a responder por 64% da produção nacional dessa oleaginosa, símbolo de resistência, sabor e trabalho coletivo.

O crescimento foi impulsionado por chuvas acima da média, novas técnicas de cultivo e assistência técnica ampliada, especialmente com o uso do cajueiro anão precoce, que tem garantido produtividade recorde e fortalecido a economia local.

Mas por trás dos números que enchem de orgulho, há perguntas que precisam ecoar. Para onde vai toda essa produção? Quem se beneficia de fato com o aumento da colheita?

As castanhas que saem das mãos calejadas das famílias belacruzenses ganham o mundo — transformam-se em produtos finos, exportados e valorizados. No entanto, o valor que retorna a essas famílias nem sempre acompanha o esforço empregado em cada safra.

O crescimento econômico, quando não vem acompanhado de investimentos em educação, qualificação e proteção social, corre o risco de enriquecer apenas o produto, e não o produtor.

É tempo de celebrar, sim, mas também de refletir. Que o caju, fruto da nossa terra e símbolo da nossa cultura, possa gerar não apenas lucro, mas dignidade, oportunidades e futuro para quem o colhe.

Leia a reportagem completa aqui

Manifesto Inaugural do Caju

Nós, fundadores, colaboradores, rebentos e toda a comunidade do jornal O Caju, reunidos pelo compromisso de dar voz, forma e força à cultura, à memória e à inteligência do Vale do Acaraú, declaramos a inauguração deste veículo como espaço de expressão plural, comunitário, inovador e intransigente na defesa de nossa identidade. Este manifesto é convite e desafio: que todos os habitantes de Bela Cruz e do Baixo Acaraú encontrem aqui um lar para suas palavras, suas memórias, suas artes e seus sonhos.

I – Do Jornal como Espaço Comunitário

O Caju nasce com o propósito de ser **jornal de todos, feito por todos e para todos**. Cada cidade, cada bairro, cada rio, cada monte e cada quintal de Bela Cruz e do Baixo Acaraú deve se reconhecer em nossas páginas. Este não é apenas um veículo de informação: é **um ponto de encontro cultural, uma oficina de ideias e um espaço de diálogo intergeracional**, onde cada voz é respeitada, cada história tem valor e cada memória é preservada.

II – Da Estrutura Singular do Jornal

O Caju possui uma **estrutura única**, cuidadosamente articulada para transformar matéria-prima cultural em criação viva. Cada membro cumpre papel essencial na coleta, produção, edição e difusão da cultura e da memória de Bela Cruz e do Baixo Acaraú, garantindo **criatividade, rigor e participação comunitária**.

III – Da Liberdade com Responsabilidade

A liberdade de expressão é princípio central do Caju, mas jamais isolada da ética, da justiça e da responsabilidade social. Publicamos vozes que provocam, questionam, inspiram e conectam comunidades. Este jornal é **instrumento de diálogo, de solidariedade e de reflexão**, e rejeita o silêncio cúmplice, a indiferença e a exclusão.

IV – Da Cultura, Arte e Literatura

O Caju celebra todas as formas de expressão cultural: a arte, a poesia, a crônica, o conto e a narrativa popular. **Honramos a tradição literária de Belas Cruz e do Baixo Acaraú**, destacando autores que construíram nossa identidade, como **Nicodemos Araújo** e **Padre Antônio Tomaz**, cujas obras são faróis da memória, da sensibilidade e da inteligência local. Cada página do jornal é um tributo à riqueza literária do Vale e um convite à descoberta de novos talentos.

V – Da Inclusão e Diversidade

O Caju se abre a **todos os habitantes de Bela Cruz e do Baixo Acaraú**, sem distinção de cidade, idade, gênero, etnia ou condição social. Cada voz, cada história e cada experiência têm lugar. Nossa diversidade é força, nossa pluralidade é essência. O jornal é democrático, inclusivo e comunitário, feito para estreitar laços e fortalecer a identidade coletiva.

VI – Da Memória, Sustentabilidade e Patrimônio

O Caju preserva a memória de Bela Cruz e de todo o Baixo Acaraú em suas múltiplas dimensões: história, cultura, patrimônio natural e social. Cada reportagem, crônica ou registro artístico é **uma pedra viva na construção da preservação histórica e cultural**, protegendo igrejas, casarões, festas populares, cantos e ofícios tradicionais. O jornal assume o papel de guardião da memória coletiva, zelando pelo passado para que as futuras gerações possam conhecer, entender e se orgulhar de suas raízes.

VII – Da Ciência e do Saber Investigativo

O Caju reconhece que o conhecimento não se sustenta apenas na memória e na tradição, mas também na **ciência, na pesquisa e no método crítico**. Cada fato registrado, cada análise publicada e cada estudo sobre Bela Cruz e o Baixo Acaraú deve atravessar o crivo do rigor investigativo. História, literatura, arte e dados caminham juntos, garantindo que o jornal seja **fundamentado, confiável e esclarecedor**, sem jamais perder a poesia e a alma comunitária.

VIII – Da Inovação e Experimentação

O Caju é laboratório de linguagem, de forma, de conteúdo e de imaginação. Abraçamos a experimentação estética, literária e visual, sempre em diálogo com a comunidade. Cada edição é fruto do trabalho coletivo, cada página é convite à ousadia criativa, à renovação e à valorização da pluralidade de vozes de Bela Cruz e do Baixo Acaraú.

IX – Do Compromisso Ético e Cívico

O Caju assume compromisso inegociável com a ética, a verdade e a justiça cultural. Atua como **ponte entre comunidades**, espaço de inclusão, educação, engajamento e fortalecimento da cidadania.

X – Do Chamado à Comunidade

Convidamos todos os habitantes de Bela Cruz e do Baixo Acaraú a participar, escrever, ler, debater e construir o Caju conosco. Este jornal é de todos, e só existirá plenamente se a comunidade se fizer presente em suas páginas, oficinas, eventos e ideias.

Por tudo isso, declaramos oficialmente aberto o jornal O Caju.

Que seja ponte e farol, voz e memória, casa de ideias e laboratório cultural.

Que represente a força coletiva, a diversidade e a tradição de **Bela Cruz e de todo o Baixo Acaraú**, preservando memória, cultura, ciência e criatividade para todas as gerações.

Assinam:

Fundadores, colaboradores, rebentos e toda a comunidade do jornal **O Caju**

ATÉ BREVE, OH ESTIMADOS CAJÚFILOS!